

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**FOGO E GARGALHADA**

*Uma análise da performance do Exu alegórico na Acadêmicos da Grande Rio*

**MARIA EDUARDA MACHADO COELHO**

RIO DE JANEIRO  
2022

MARIA EDUARDA MACHADO COELHO

**FOGO E GARGALHADA**

*Uma análise da performance do Exu alegórico na Acadêmicos da Grande Rio*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tania Clemente de Souza

Coorientador: Rodrigo Pereira da Silva Rosa

Rio de Janeiro

2022

MARIA EDUARDA MACHADO COELHO

**FOGO E GARGALHADA**

*Uma análise da performance do Exu alegórico na Acadêmicos da Grande Rio*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Inglês.

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora:

\_\_\_\_\_  
Tania Clemente de Souza – Presidente da banca examinadora e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

\_\_\_\_\_  
Terezinha Andrade da Costa – Leitora Crítico e Ms na Universidade Federal de Rondônia

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas dos avaliadores: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Um dos pontos cantados mais lindos que já escutei diz “*se eu fosse só já não estaria aqui*”. Essa passagem se refere aos orixás, mas tantas outras pessoas me vem à mente quando escuto isso. E, por gratidão a todes que cruzaram meu caminho e avançaram comigo, dedico essa parte do trabalho para reconhecer cada um de vocês.

Tenho muito a agradecer minha orientadora, Tania, e meu coorientador Rodrigo por acolherem uma caloura perdida num curso de extensão e, futuramente, me orientarem. Gratidão pelo carinho, paciência e respeito por todos os temas que me interessei em abordar e por me guiarem no mundo acadêmico. A humildade e inteligência de vocês me inspira desde meus períodos iniciais na faculdade.

Ao meu primeiro triângulo entrego todo meu amor incondicional. Minha família, não só dessa vida mas de todas as que eu puder ter. Vó, obrigada por me mostrar o carinho e cuidado, o quanto nós podemos ser fortes, mas sem deixar de demonstrar afeto e cuidar daqueles que amamos. Mãe, você sempre vai ser quem eu quero ser quando eu crescer, não importa a idade que eu tenha. Obrigada por despertar o melhor de mim mesmo quando eu não consigo perceber e obrigada por me mostrar como lutar por mim mesma e pelos meus ideais. Três, nossa família sendo um número sagrado: donzela, mãe, anciã; entidade, corpo, consulente; umbanda, psicografia, oriente; fé, força e coragem.

Por falar em família, não poderia deixar de mencionar meu avô Frederico. Se hoje em dia sou uma estudante de Letras é por sua causa. Apesar de infelizmente ter falecido em meu primeiro dia de faculdade, sinto-o em cada passo do caminho e até mesmo agora quando escrevo essa dedicatória. Espero que onde quer que você esteja eu seja seu motivo de orgulho.

Não poderia deixar de mencionar meus companheiros de jornada acadêmica que são muito além disso. Amandoca, Amandinha, Andressa, Babi, Juan, Mari, Mário, Marlon e Victor: sinto que esperei toda minha adolescência para encontrar uma amizade como essa e me sentir tão pertencente e amada. Sem vocês eu teria desistido de várias partes de mim e não seria quem sou hoje. Amo vocês para além dos muros da faculdade (até sairmos da UFRJ e nos transformarmos em viralatas caramelo no CT).

Ao meu triângulo secundário e dançante, Aylah e Rhubiam, serei eternamente grata por me ajudarem a dar vida a Safira. Sem vocês eu não despertaria esse meu lado expansivo e

brilhante que é alegre e dançante. Na e pela música somos uma só. Sinto muito orgulho por ser uma Yin.

Aos meus irmãos de fé, família espiritual que chamamos de CEJC, deixo meu eterno carinho, a caminhada até a cachoeira fica bem mais leve sabendo que tenho sua companhia. Sempre que há alguma pedra que acredito não conseguir pular vocês estão lá para me puxar.

Por último, num final que também é início, agradeço a todas as entidades e orixás que se apresentam na minha jornada. Todo dia me sinto amada sabendo que sou guardada por caboclos, erês, pombas giras, exus, ciganos, boiadeiros e marinheiros. Dentre toda a vasta espiritualidade não poderia deixar de agradecer especialmente a Exu, orixá protagonista deste trabalho. Meu companheiro de jornada na escrita, aquele que abriu meu caminho e me puxou quando duvidei se conseguia prosseguir. Exu, obrigada por guardar minha existência e assegurar meus caminhos. *Laoryê Exu! Exu é Mojubá!*

“Um lindo clarão, lá do céu, fez a Lua brilhar  
Um raio iluminou e surgiu lá na terra um grande Orixá  
Do fogo levantou, para caminhar  
Em cada passo que dava  
Uma grande jornada pra quem com ele andar.  
O que Exu plantou, pode acreditar,  
Ele plantou a coragem, a disciplina e a lealdade,  
Sempre vai lhe ajudar.  
O que você plantou, e não acreditar,  
Se lhe faltar a coragem, a disciplina e a lealdade,  
Exu vai lhe cobrar.  
E não há mal algum, pense o que quiser  
Exu não é o mal, Exu é o meu guardião, meu guardião da fé.  
Exu não é o mal, Exu é o meu guardião, meu guardião da fé”.

Guardião da Fé- Sandro Luiz, 2020.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, a partir da Análise do Discurso Francesa analisar Exu na comissão de frente do desfile de 2022 da Acadêmicos da Grande Rio e compreender os processos metafóricos que cercam este Orixá. Para tal, ao longo deste trabalho, por meio de pesquisas bibliográficas, são analisados os processos de identificação de Exu. Certamente ao lidar com essa temática esbarramos em assuntos como o sincretismo religioso, o culto a Exu nos terreiros e sua presença em religiões neopentecostais. Falar de Exu é lidar com uma multiplicidade de temas e facetas que esse trabalho talvez não consiga alcançar, mas serão mostrados todos os lados de Exu permitidos.

**Palavras-chave:** Exu; sincretismo religioso; carnaval; orixás; análise do discurso francesa; não-verbal.

## ABSTRACT

The present work aims, considering the studies in the French Discourse Analysis field, to analyze the *Exu* of the 2022 parade of Acadêmicos da Grande Rio. It also seeks to understand the metaphorical processes that surround this *Orixá*. Throughout this work, through bibliographical research, Exu's identification processes are analyzed. Certainly, when dealing with this theme, we run into issues such as religious syncretism, the cult of Exu in *terreiros* and his presence in neo-Pentecostal religions. To talk about Exu is to deal with a multiplicity of themes and facets that this work may not be able to reach, but all sides of Exu allowed will be shown.

**Keywords:** Exu; religious syncretism; carnival; orixás; french discourse analysis; non-verbal.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO: PEDINDO LICENÇA E ABRINDO CAMINHOS.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Objetivos: Encruzilhadas e pontos de chegada .....</b>	<b>11</b>
<b>2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: EXU E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 A primeira impressão é a que fica?.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 O sincretismo .....</b>	<b>14</b>
<b>2.3 Exu na Igreja Universal do Reino de Deus.....</b>	<b>17</b>
<b>3. EXU PREENCHE A AVENIDA E FAZ CHOVER AXÉ NAS ARQUIBANCADAS .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 A campeã coroa Exu com maestria .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2 Orixá de frente .....</b>	<b>20</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: EXU DÁ O QUE FALAR .....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>27</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>28</b>

## 1 INTRODUÇÃO: PEDINDO LICENÇA E ABRINDO CAMINHOS

Exu é uma divindade cultuada nas religiões de matriz africana no Brasil. Nelas ele é o mistério divino, Orixá dono dos caminhos, mensageiro e responsável pela criação e transmutação. Entrar em contato com esse orixá é reivindicar para si parte destes mistérios que nunca serão completamente inteligíveis para a mente mundana. Exu é o sublime em sua forma mais bruta e vital.

Mas, em algum momento, essas características foram forçadas a se perder com a imposição do sincretismo religioso, processo que representa o aprisionamento do panteão iorubá nos moldes cristãos regidos pela dualidade bem-mal. Segundo Prandi (2001), “foi exatamente a cristianização dos orixás que transformou Oxalá em Jesus Cristo, Iemanjá em Nossa Senhora, outros orixás em santos católicos, e Exu no diabo”. (PRANDI, 2001, p.62).

A demonização desta divindade perdura de forma tão latente no imaginário brasileiro que faz com que esse seja o argumento mais usado por praticantes do neopentecostalismo para repudiar as religiões afro-brasileiras. E, assim, são justificadas as inúmeras sessões de exorcismos em que alegam estar “expurgando” Exu das pessoas.

Considerando que nos estudos da Linguagem a Análise do Discurso é a teoria que, como indica seu nome, trata do discurso, a palavra em movimento, seus efeitos de sentido entre os interlocutores e considera o homem, sua história e as condições de produção da linguagem (ORLANDI, 1999), neste trabalho busca-se a partir desta teoria e dos estudos do não-verbal analisar as significações de Exu e sua representação no segmento cultural, mais especificamente na comissão de frente no desfile da Acadêmicos da Grande Rio de 2022, cujo enredo era o Orixá e suas sete faces.

Por meio de pesquisas bibliográficas e análise da interpretação do ator Emerson Dalvaro no desfile da Grande Rio, pretende-se levantar e trazer à tona, informações históricas sobre o sincretismo religioso e, também, sobre a presença de Exu nos cultos das igrejas neopentecostais<sup>1</sup> e nos terreiros de religiões afro-brasileiras. O resultado disso, certamente, esbarará em inúmeros efeitos de sentido banhados em fogo e gargalhada. .

Por fim, nossas considerações teóricas seguem as discussões trazidas por Prandi, Silva, Verger, Valente e Andrade.

---

<sup>1</sup>O neopentecostalismo, assim como anteriormente o pentecostalismo, é um movimento dissidente do protestantismo. Foi iniciado por líderes religiosos dos Estados Unidos nos anos 1960, quando passaram a ser chamados de neocarismáticos ou evangélicos carismáticos. Fonte: ANTONIO, G. H. B. de; LAUHERTA, M. *O neopentecostalismo e os dilemas da modernidade periférica sob o signo do novo desenvolvimentismo brasileiro*. Revista Brasileira de Ciência Política. V. 14. 2014.

## **1.1 OBJETIVOS: ENCRUZILHADAS E PONTOS DE CHEGADA**

Considerando os equívocos que surgem a partir dos embates entre religiões cristãs e afro-brasileiras, essa pesquisa traça para si dois objetivos principais: (i) analisar os processos de identificação de Exu, com base na análise de discurso e dos estudos do não-verbal (SOUZA, 2011; 2018), e suas características originárias na tentativa de entender como se construiu a visão demoníaca sobre o Orixá e que até hoje perdura no discurso cristão e (ii) analisar Exu Orixá presente na comissão de frente no desfile de 2022 da Acadêmicos da Grande Rio. A partir destas análises procura-se evidenciar os processos polissêmicos e metafóricos que trabalham na identificação de Exu, seja como divindade ou como o mal.

## **2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: EXU E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nesta seção, há uma discussão sobre como Exu é referenciado no âmbito religioso. Serão abordadas algumas características das religiões afro-brasileiras e como se dá o culto a esse Orixá por meio dessas religiões. Isso certamente fará com que seja necessário analisar, também, como Exu é significado desde as primeiras invasões europeias em territórios africanos e como isso impactou no processo de sincretismo e em segmentos cristãos da atualidade.

As religiões afro-brasileiras se formaram a partir de recriações, no Brasil, de rituais e crenças ancestrais de alguns territórios africanos. Algumas também possuem a presença de elementos cristãos em virtude da influência do sincretismo religioso. De modo geral, as religiões afro-brasileiras “(...) compõem um diversificado conjunto de credos, alguns de caráter local, outros já revestidos da característica de religião universal, que podem ser encontrados por todo o Brasil” (PRANDI, 2017, p. 9). Portanto, essas religiões, apesar de cultuarem os mesmos Orixás, se diferem das práticas realizadas em territórios africanos, principalmente se considerado que no continente africano, cada território praticava cultos locais, louvando divindades específicas. No Brasil, todavia,

(...) os diferentes cultos e divindades locais de origem africana foram agregados, formando uma espécie de religião única. Por exemplo, na religião dos iorubás, cada templo era dedicado a uma divindade ou pelo menos a divindades aparentadas. Em território brasileiro, elas estavam todas reunidas num único espaço, o terreiro. Um terreiro, hoje, celebra todas as divindades. Mudou completamente a geografia, a sociedade e a cultura, logo, a religião é outra, muitas adaptações foram necessárias. Então, se você for procurar o candomblé na África, não vai achar, mas vai encontrar uma religião de orixás

individuais (PRANDI, 2017, p. 10).

As religiões afro-brasileiras concatenam em um mesmo terreiro o culto a diversos orixás, reformulando crenças e organizações.

Dentre as divindades cultuadas por essas religiões, Exu, também conhecido como Legbá ou Elegbara, é uma das que mais está envolvida em mistérios e acaba sendo o epicentro de polêmicas. O orixá da fertilidade, mensageiro e senhor dos caminhos é aquele que se deve reverenciar antes de qualquer outro orixá caso não queira ser alvo de suas artimanhas. Ele é o guardião de templos, casas, pessoas e cidades, propenso a causar confusão caso não lhe seja dado o devido respeito e atenção. Segundo Silva (2019) o primeiro passo para entender um pouco mais sobre essa divindade e sua presença em território brasileiro é saber que seu culto não é homogêneo. Isso porque

“(…) resulta de um longo processo de trocas, diálogos, negociações, imposições e resistência entre os sistemas religiosos africanos e os de origem cristã, como o catolicismo e, mais recentemente, o neopentecostalismo” (SILVA, 2019, p. 18).

Um exemplo disso é o fato de que para muitos adeptos do candomblé o Exu cultuado na umbanda se trataria de um espírito desencarnado e não uma divindade e, por outro lado, para os fiéis do neopentecostalismo, Exu, estando presente em qualquer religião, é o equivalente ao demônio.

Ou seja, não há uma forma única de se cultuar ou entender essa divindade que, de acordo com Verger (1955), talvez seja o Orixá mais próximo dos seres humanos: nem completamente bom, mas, muito menos, completamente mau. Talvez as ressalvas em relação a esse orixá estejam ligadas exatamente ao seu caráter divino imperfeito que contraria a regra cristã de uma fonte superior inesgotável de qualidades. Ou, talvez, a dificuldade de entendimento desse orixá se deva ao fato de que estamos mais próximos dele do que gostaríamos com defeitos, ego e, ainda assim, com um lado bom.

## **2.1 A primeira impressão é a que fica?**

Desde os primeiros contatos de europeus com o culto do orixá Exu, foram atribuídas a essa divindade características dicotômicas: se por um lado associavam-no ao deus greco-romano Príapo devido às representações em altares e símbolos fálicos, por outro lado o consideravam igual ao diabo das religiões judaica e cristã em virtude das qualificações morais atribuídas a esse orixá na mitologia que “tem um caráter suscetível, violento, irascível, astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente” (VERGER, 1999, p. 119).

Segundo Verger (1999), “os primeiros missionários, espantados com tal conjunto, assimilaram-no ao Diabo e fizeram dele o símbolo de tudo o que é maldade, perversidade, abjeção e ódio, em oposição à bondade, pureza, elevação e amor de Deus” (VERGER, 1999, p. 119). Logo, viajantes e missionários cristãos que estiveram em território entre os séculos XVIII e XIX retrataram Exu em seus relatos de forma demoníaca e extremamente sexualizada.

Em 1847 o pastor Thomas Bowen em seus relatos acerca do culto à essa divindade no território iorubá afirma que “na língua iorubá o diabo é denominado Exu, aquele que foi enviado outra vez, nome que vem de su, jogar fora, e Elegbara, o poderoso, nome devido ao seu grande poder sobre as pessoas” (Bowen, 1857, cap. 26). Cerca de trinta anos depois, o oficial Pierre Bouche faz um relato similar em relação ao Orixá: “Os negros reconhecem em Satã o poder da possessão, pois o denominam comumente Elegbara, isto é, aquele que se apodera de nós” (Bouche, 1885).

Apesar dos relatos de Bowen e Bouche, é interessante pontuar que “não são conhecidos mitos de Exu que o identifiquem com o diabo” (PRANDI, 2001, p.38). Todavia este fato não impediu que em 1884 fosse publicado na França um livro de autoria de Baudin, padre católico da Sociedade das Missões Africanas de Lyon, em que Exú é definido como

O chefe de todos os gênios maléficos, o pior deles e o mais temido, é Exu, palavra que significa o rejeitado; também chamado Elegbá ou Elegbara, o forte (...) É este gênio malvado que, por si mesmo ou por meio de seus companheiros espíritos, empurra o homem para o mal e, sobretudo, o excita para as paixões vergonhosas. (...) Nas grandes circunstâncias, ele é inundado de azeite de dendê e sangue de galinha, o que lhe dá uma aparência mais pavorosa ainda e mais nojenta. (BAUDIN, 1884)

Os relatos feitos a partir de uma perspectiva cristã de missionários e oficiais europeus são, para além de devastadores, reveladores de crenças que ainda persistem no imaginário popular brasileiro (PRANDI, 2001).

Tal influência se estende até a contemporaneidade afetando, entre outras esferas, traduções do iorubá para outros idiomas. De acordo com Silva (2015),

No dicionário Yorubá-Ingês (Ibadan:University Press), o termo ‘elesú’ (que se refere à pessoa que cultua ou foi consagrada em Exu) é traduzido para o inglês como “adorador de demônio”, “possuído pelo demônio”, “diabólico”, “mau”. A versão desse dicionário para o português seguiu a mesma tradução inglesa do termo (SILVA, 2015, p.28).

Desse modo, Exu segue sendo alvo de tentativas de descrições limitadoras que desrespeitam sua essência, e de seu culto, na tentativa de moldá-lo como vilão ou inimigo.

Essa, na verdade, é uma prática cristã constante que consiste em colocar as diversas religiosidades em oposição à bondade divina e única de Deus.

É interessante perceber que, segundo a noção de relação de forças, o termo *elesú* é distanciado nas traduções de seu significado original devido a uma concepção imposta por colonizadores e catequizadores. O discurso destes se torna mais válido do que a vivência de povos iorubás se consideradas as relações hierárquicas que regem a organização geopolítica mundial em que a Europa é considerada, para além de um centro de poder, referência em produção de conhecimento e organização social.

## 2.2 O sincretismo

O sincretismo é um processo que se caracteriza pela fusão de elementos culturais. Ele surge numa tentativa de resolver situações de conflito cultural. Segundo Valente (1955) a principal característica deste processo é “a luta pelo status, ou seja, o esforço empreendido no sentido de conseguir uma posição que se ajuste à ideia que o indivíduo ou o grupo tem da função que desempenha dentro de sua cultura” (VALENTE, 1955, p. 41). Neste processo, os elementos das culturas originárias se combinam, em maior ou menor proporção, resultando em uma fisionomia cultural nova.

No Brasil o sincretismo religioso de religiões africanas teve como principal motivação a sobrevivência cultural e religiosa. Os povos escravizados trazidos do continente africano tiveram que criar estratégias para encontrar na religião do colonizador subterfúgios que os permitissem seguir cultuando suas divindades. Portanto, esse não foi um processo natural ou pacífico, é possível considerar o sincretismo religioso no Brasil como um processo forçado e fruto de severas imposições.

Sendo assim, religiões oriundas do continente africano se mesclaram com o Catolicismo, religião dominante professada pelos povos colonizadores, numa tentativa de sobrevivência. De acordo com Valente (1955) os povos escravizados:

(...) disfarçavam conscientemente os seus próprios conceitos religiosos. Adoravam as imagens católicas e as cultuavam. Mas, na verdade, sob as invocações de santos do Catolicismo adoravam os representantes da divina côrte africana. Assim, despistaram a vigilância religiosa dos seus senhores. E mais do que isso: iludiram a ingenuidade dos padres da obra apostólica da catequese (VALENTE, 1955, p.114).

O sincretismo religioso afro-brasileiro, então, assimila diretamente os santos católicos com divindades africanas numa só essência. Atualmente essa simbiose é tão forte que quase torna-os indissociáveis. Acerca dessa associação, Valente (1955) produziu um quadro sinótico

demonstrando a equivalência de divindades do panteão afro-brasileiro e santos católicos no Brasil:

b) - QUADRO SINÓTICO DO BRASIL

SANTOS CATÓLICOS	DIVINDADES AFRICANAS	SANTOS CATÓLICOS	DIVINDADES AFRICANAS
Deus, O Padre Eterno, o maior dos santos...	<i>Olórum, Olólo, Oxalufan, Talabi-oxalá,</i> (Alagoas, R.); <i>Zambi</i> (Rio, R.); <i>Ganza Zumba, Ganga Zomba</i> (Rio, R. Bahia, C.); <i>Orixá-alum</i> (Rio, J.); <i>Nicasse</i> (Bahia, G., C.); <i>Oluwa, Orixá-babá, Babóké</i> (Bahia, C.); <i>Oxuguiam</i> (Recife, G., A., V.); <i>Babarobô</i> (Alagoas, R.; Recife, V.).	Sant'Ana .....	<i>Ananburucu, Nananburucu, Nanan</i> (Bahia, Q., R., C., D.; Recife, G., V.); <i>Tobossi</i> (Bahia, Q.); <i>Orixalá</i> (Bahia, interior do Estado, N.; Recife, G.); <i>Borôcô</i> (Bahia, F.).
Jesus Cristo, Senhor do Bonfim .....	<i>Obatalá, Orixalá, Oxalá,</i> (Bahia, N., Q., R., D.); <i>Orixalá</i> (Rio, R.; Recife, G., V., A.); <i>Oulissá, Cassumbecá, Indacon de Jegun</i> (Bahia, Q.); <i>Caboclo Bom</i> (Recife, G.).	Santa Bárbara .....	<i>Xangô</i> (Bahia, N. R., D., C.); <i>Jansá</i> (Bahia, Q., R., C., D., V.; Pará, A.); <i>Oiá</i> (Alagoas, R.; Bahia, C.; Recife, G.); <i>Nananburucu, Iamessan</i> (Recife, G.; Pará, A.); <i>Alóid</i> (Recife, V.); <i>Iemessan, Xamessan</i> (Recife, A.).
Santíssimo Sacramento.	<i>Ifá</i> (Bahia, R., C., D.); <i>Saponam</i> (Rio, J.).	Santa Isabel .....	<i>Angórômea</i> (Bahia, C.).
Espírito Santo .....	<i>Oxalá</i> (Pôrto Alegre, B.).	Santa Catarina .....	<i>Obá</i> (Pôrto Alegre, B.).
Senhor dos Navegantes	<i>Tempo</i> (Bahia, C.); <i>Iemanjá</i> (Pôrto Alegre, H.).	Maria Madalena .....	<i>Oxun</i> (Alagoas, R.).
Virgem Maria, Nossa Senhora .....	<i>Iemanjá, Oxun</i> (Bahia, N.); Sereia do Mar (Rio, R.; Recife, G.).	Santa Marta .....	<i>Obá</i> (Recife, A.).
Nossa Senhora do Rosário .....	<i>Iemanjá</i> (Bahia, Q., R., D, Ja. Recife, G.).	Nossa Senhora do Carmo .....	<i>Oxun</i> (Recife, A. V.).
Nossa Senhora das Candeias .....	<i>Oxun</i> (Bahia, N., C., D.); <i>Nananburucu</i> (Bahia, C.).	Santa Joana D'Arc .....	<i>Obá</i> (Bahia, C.; Recife, V.).
Nossa Senhora da Conceição .....	<i>Oxun</i> (Bahia, Q., R. D., Ja. Pôrto Alegre, B.); <i>Ieu-d</i> (Rio, J.); <i>Iemanjá</i> (Bahia, C.; Pará, A.; Recife, V., Rio Ja.).	Santo Antônio .....	<i>Ogun</i> (Bahia, N., Q., R., C., D.); <i>Xangô</i> (Recife, G., A.); <i>Bará</i> (Rio, R.); <i>Fevequête</i> (Rio, J.); <i>Anislaquête</i> (Recife, V., A.); <i>Exu</i> (Pôrto Alegre, Fr.).
Nossa Senhora das Dores .....	<i>Iemanjá</i> (Rio, R.; Recife, G.); <i>Sinhá Bamba</i> (Rio, J.).	S. Jorge .....	<i>Ogun</i> (Rio, J., R.; Recife, G., V., A. Pôrto Alegre, B.); <i>Oxóssi</i> (Bahia, N., Q., R., C., D.); <i>Odé</i> Recife, A.).
Nossa Senhora da Piedade .....	<i>Iemanjá</i> (Bahia, C. D.).	S. Jerônimo .....	<i>Xangô</i> (Bahia, Q., R., D., C.); <i>Xangô-dadá</i> (Rio, R.); <i>Oxun</i> (Bahia, N.); <i>Xangô-velho</i> , (Recife, V.).
Nossa Senhora de Lourdes .....	<i>Oxun</i> (Bahia, C.).	S. Miguel .....	<i>Xangô</i> (Rio, R., Pôrto Alegre, B.); <i>Odé</i> (Recife, G., V., A.); <i>Sultão das matas</i> (Recife, V.).
Nossa Senhora da Penha .....	<i>Aguard</i> (Rio, J.).	S. Sebastião .....	<i>Omolú</i> (Alagoas, R., Recife, V., A.); <i>Omolum, Omulu, Omulum</i> (Recife, V., A.); <i>Baluaie</i> (Alagoas, R., Recife, V.); <i>Sapatá</i> (Alagoas, R.); <i>Abaluaie</i> (Recife, G., V.); <i>Abaluché</i> (Recife, G.); <i>Obaluaie</i> (Recife, V.); <i>Katendé, Tempo</i> (Bahia, C.); <i>Odé</i> (Pôrto Alegre, B.); <i>Baluaie</i> (Pará, A.); <i>Obaluaie</i> (Pará, A.); <i>Omolum-Abadinan</i> (Recife, V.).
Nossa Senhora dos Prazeres .....	<i>Oxun, Euloia, Obá</i> (Recife, G.)	S. Caetano.....	Lôco - Moço - o Tempo (Bahia, K.).

SANTOS CATÓLICOS	DIVINDADES AFRICANAS	SANTOS CATÓLICOS	DIVINDADES AFRICANAS
S. Francisco .....	<i>Irôco, Lôco</i> (Bahia, Q., R., D., C.); <i>Ifá</i> (Bahia, R., C.).	S. Paulo .....	<i>Ogun</i> (Recife, G.).
S. Roque .....	<i>Omolú, Abaluaie</i> (Bahia, R., C., D.); <i>Ogun</i> (Alagoas, R.).	S. Pedro .....	<i>Bará</i> (Pôrto Alegre, report. "Folha da Tarde"); <i>Xangô-velho</i> (Bahia, K.); <i>Airá</i> (Bahia, C.); <i>Exu</i> (Pôrto Alegre, Fr.); <i>Odé-velho</i> (Bahia, H.).
S. Bento .....	<i>Omolú</i> (Bahia, Q., R., D.; Alagoas, R.); <i>Santo da Cobra</i> (Bahia, R., C.).	Santo Onofre .....	<i>Ossanha</i> (Pôrto Alegre, B.).
S. Lázaro .....	<i>Abaluaie</i> (Rio, R.; Bahia, C., D.); <i>Omolú</i> (Bahia, C., D.).	S. Benedito .....	<i>Lingongo</i> (Rio, J.).
S. João .....	<i>Xangô</i> (Recife, A., V.); <i>Li-Xangô</i> (Alagoas, R.); <i>Katendé</i> (Bahia, C.); <i>Anixangô</i> (Recife A., V.).	S. Gabriel .....	<i>Exu</i> (Recife, A.); <i>Odé</i> (Recife, A.).
S. S. Cosme e Damião.	<i>Ibeji</i> (Bahia, R., C.; Recife, V.); <i>Béji</i> (Recife, V.; Bahia, D.); <i>Beijinho</i> (Recife, F., V.); <i>Dois-Dois</i> (Rio, R.); <i>Bégue</i> (Alagoas, R.); <i>Beijes</i> (?) (Pôrto Alegre, B.); <i>Oxin-Maré</i> (Recife, G.); <i>Alabá</i> (Bahia, R.); <i>Dó-u</i> (Bahia, R.).	Anjo Rebelde .....	<i>Exu</i> (Recife, V.).
S. S. Crispim e Crispiniano .....	<i>Ibeji</i> (Bahia, R., C.).	As almas .....	<i>Vumbe</i> (Bahia, C.); <i>Quiumbos</i> (Rio, R.).
S. Bartolomeu .....	<i>Angóro</i> (Bahia, C.); <i>Oxun-maré</i> (Bahia, C.); <i>Exu</i> (Recife, Ca.).	Diabo .....	<i>Exu</i> (Bahia, N., Q., R., C., D.; Rio J., R.; Recife, V.); <i>Bará</i> (Rio, R.); <i>Leba, Senhor Leba</i> (Bahia, R.); <i>Zumbi</i> (Rio, R.); <i>Cariapemba</i> (Pernambuco, P.); <i>Homem das eucruilhadas, Homem da rua</i> (Bahia, R., C.); <i>Maioral, Bambojira, Tiriri, Loná, Barabaó</i> (Recife, V.).
S. José .....	<i>Peixe marinho</i> (Bahia, C.).		
S. Expedito .....	<i>Katendé</i> (Bahia, C.); <i>Odé</i> (Recife, A., V.).		

**Figura 1: Quadro sinótico do Brasil (VALENTE, 1955, p. 155-157)**

A partir do quadro acima é possível ter uma melhor compreensão das associações fruto do processo do sincretismo. Todavia é interessante ressaltar que a relação entre os orixás e santos católicos não possui um caráter único no Brasil. Isso porque o sincretismo é afetado por influências regionais, “influências que, por certo, dependem em grande parte do poder dos santos locais, da devoção que a eles é consagrada”(VALENTE, 1955, p.123). Ademais, de modo geral, a relação entre as figuras divinas é realizada levando em conta características temperamentais, a trajetória dos santos católicos e dificuldades enfrentadas na vida terrena para cumprir sua trajetória.

No que concerne a Exu, objeto de estudo central deste trabalho, é possível observar na Figura 1 que ele é sincretizado com Santo Antônio, S. Bartolomeu, S. Gabriel, Anjo rebelde e Diabo. É curioso o fato de que a mesma divindade que é associada ao diabo também seja associada a figuras santas, isso porque, basicamente, se Exu abre o caminho dos mortais compartilha da benevolência intrínseca aos santos católicos, mas se contraria-os ou os bagunça seus caminhos é tido como Diabo. Exu, então, relativiza os conceitos de bem e mal sendo uma figura santa ou demônio. Logo,

(...) Exu-Diabo (uso do hífen como sinal desta leitura) nunca representa o mal absoluto [nas religiões afro-brasileiras]. Argumento que, por meio da linguagem dos demônios, santos e anjos católicos, expandem-se as versões africanas de Exu como propulsor ou bloqueador dos caminhos (...). Exu não “é” o diabo e o diabo não “é” Exu, mas ambos podem estabelecer relações que ampliam seus significados a partir do contato entre os sistemas culturais que os originaram (SILVA, 2015, p. 32).

No processo de sincretismo, em que as qualidades das figuras católicas e orixás ficaram intimamente conectadas, Exu, com seu caráter múltiplo, teve que ser desmembrado para caber em uma forçada classificação binária de “bem” e “mal”. Mesmo não sendo o Diabo, essa é uma relação que o persegue desde o primeiro contato de povos europeus com seu culto e que foi reforçada no processo de sincretismo. Poucos acabam por se lembrar de suas qualidades e, na contemporaneidade, ainda há segmentos religiosos que se consideram responsáveis por “combater” essa divindade que vai contra os princípios de (seu) Deus. Por isso, na próxima subseção, será explorada a presença de Exu na Igreja Universal do Reino de Deus.



### 2.3 Exu na Igreja Universal do Reino de Deus

Antes de entender a presença de Exu na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), é importante analisar a motivação da perseguição de religiões de matriz africana. De acordo com Andrade (2019)

(...) a IURD começou voltada aos setores mais pobres da população, visando principalmente os adeptos de religiões afro-brasileiras (umbanda e candomblé), cujas práticas são atacadas. Isso se realizou (e se realiza) através da centralidade que o transe (a possessão demoníaca, em que demônios assumem os nomes de entidades e divindades dessas religiões) e o exorcismo ocupam no culto iurdiano (...) (ANDRADE, 2019, p.71).

Na tentativa de captar mais fiéis para seu culto, a IURD condena as práticas das religiões afro-brasileiras e as divindades cultuadas nelas para que haja uma ilusão de que é necessário o fim dessas religiões para o êxito do “bem” na batalha espiritual, uma vez que “(...) o proselitismo e universalismo defendidos na fé neopentecostal acreditam que lidar com outra fé é, de fato, lidar com algo satânico” (ANDRADE, 2019, p.70). Logo, todas as práticas e divindades de outras religiões são colocadas em oposição a bondade e poder de Deus, conforme define o pastor Edir Macedo (2019) em seu livro “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?”:

Desde as religiões confessadamente demoníacas até aquelas que atuam disfarçadamente, os demônios têm agido na humanidade e não há luta mais importante para os cristãos do que contra as potestades do ar, contra o diabo e seus anjos. (...) Vivemos em plena era do demonismo. O espiritismo está, sob as suas mais diversas ramificações, dominando a mente das pessoas. As religiões orientais, regadas a demônios, estão, sob capa cristã ou não, invadindo o mundo, entrando nos salões de festas e coabitando nos casebres das favelas. Com vasta distribuição de literatura e pregação disfarçada, se apresentam por toda a parte, disseminando a prática do demonismo. A Igreja tem de agir. Já vivemos o clima da pregação protestante com Lutero; o da pregação avivalista com John Wesley e, agora, temos de sair da mera pregação pentecostal, para a pregação plena que promova um verdadeiro avivamento do Espírito de Deus. Temos de sair por aí, dizendo que Jesus Cristo salva, batiza com o Espírito Santo mas também, e antes de tudo, liberta as pessoas oprimidas pelo diabo e seus anjos (MACEDO, 2019, pp. 3-88).

Dentre as entidades e divindades pertencentes às religiões de matriz africana, Exu é o mais perseguido. Ele é considerado o demônio responsável por trazer dificuldades à vida dos fiéis da IURD e tentá-los a se desviar do caminho de Deus. Inúmeros exorcismos são realizados durante os cultos na tentativa de tentar “tirar” Exu das pessoas.

É possível estabelecer um paralelo entre as práticas condenatórias da Igreja Universal e dos primeiros europeus que estiveram em territórios iorubás. A necessidade de fomentar uma guerra espiritual que eles mesmos criaram faz com que por meio da cultura do medo e

olhar eurocêntrico a IURD capte mais fiéis e forneça a ilusão de uma falsa segurança nas doutrinas da igreja.

### **3 EXU PREENCHE A AVENIDA E FAZ CHOVER AXÉ NAS ARQUIBANCADAS**

Os desfiles de carnaval são, para além do entretenimento, uma forma de manifestação cultural e protesto. Segundo Rosa (2021),

para além da sátira e da crítica, há a competição, a identidade, o entretenimento. As escolas de samba se tornam grandes produtos midiáticos, pois na atualidade, o carnaval é uma das maiores manifestações culturais e artísticas do Brasil e isso faz com que ele seja um evento midiático exibido no mundo inteiro e atraindo turistas (ROSA, 2021, p.90).

Os desfiles são fruto de muita pesquisa e trabalho árduo. Nesse contexto, a responsabilidade do carnavalesco é delinear modos de explorar o tema escolhido construindo “leituras que materializam os processos de paráfrase e polissemia nas narrativas das escolas de samba, de acordo com a memória discursiva instituída pelo carnaval” (ROSA, 2021, p.91).

No carnaval de 2022, diversas escolas de samba concentraram seus enredos na exploração de temas afro-brasileiros, conversando com insurgentes debates sobre racismo e intolerância religiosa que permeiam o cenário contemporâneo brasileiro. A Acadêmicos da Grande Rio, campeã do carnaval de 2022, foi uma das escolas que escolheu ter como temática central de seu desfile um Orixá. Segundo os carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, uma das motivações para tal escolha foi a percepção de que Exu nunca havia sido retratado como protagonista em nenhum enredo. De acordo com os carnavalescos,

A temática religiosa afro-brasileira não era uma novidade: desde a sua fundação, no ano de 1988 (ano emblemático, quando foi promulgada a Constituição Cidadã e comemorado o centenário da abolição jurídica da escravidão negra no Brasil), o GRES Acadêmicos do Grande Rio parecia disposto a narrar as histórias dos Orixás. No seu primeiro desfile, em 1989, cantou “O mito sagrado de Ifê”, com samba que pedia o fim do preconceito racial. O tema foi aprofundado em 1992, com “Águas Claras para um Rei Negro”. Em 1993, o samba composto para o enredo “No Mundo da Lua” citava o orixá Ogum e mencionava o mais conhecido ponto de Exu Tranca Rua. Em 1994, o premiado enredo “Os Santos que a África não Viu” mostrou ao mundo a história da Umbanda. Este breve histórico mostra que havia, de fato, um lastro cultural brilhante. O “passado nem tão distante”, em 2020, tornou-se presente e veio à tona. Tal reconexão identitária se deu em um momento em que muitos terreiros do município de Duque de Caxias eram (e são) atacados, o que deu a “Tata Londirá” uma projeção imensa. Após o resultado do desfile, quando da comemoração do vice-campeonato, foi grande o clamor da comunidade caxiense para que o próximo enredo continuasse a defender a temática afro-religiosa. “Tata Londirá” havia despertado um sentimento antigo; todos queriam mais. E que falássemos mais de Caxias, a cidade-sede. Em uma encruzilhada, numa noite de festa, a possibilidade de falar de Exu (desejo ventilado há muito pelos carnavalescos

e estimulado pela pergunta inicialmente apresentada) ganhou corpo (HADDAD; BORA 2022, p.276).

A partir desse histórico e motivação, a Acadêmicos da Grande Rio traz Exu para as avenidas e faz chover axé nas arquibancadas.

### 3.2 A campeã coroa Exu com maestria

Campeã do carnaval de 2022, a escola Acadêmicos do Grande Rio, de Duque de Caxias, trouxe como temática central para seu desfile Exu: Exu orixá, Exus falangeiros, Exu do caos, Exu da ordem, Exu do princípio, Exu dos caminhos e encruzilhadas, Exu em sua multiplicidade inesgotável.

Para representar a pluralidade dessa divindade a escola apresentou em seu enredo “*Fala Majeté! Sete chaves de Exu*” sete caminhos e formas de entender Exu. A partir do histórico do enredo<sup>2</sup> apresentado pela escola é possível perceber as seguintes formas em que Exu se materializa nos sete setores:

1- Exu, princípio de tudo. Faisca inicial de existência, movimento e caminhos encruzilhadas;

2- Exu andarilho dono dos caminhos do mundo, dos chifres, búzios e sacrifícios;

3- Exu de proezas, do erro que acerta. O mistério entre o remédio e veneno, o mensageiro essencial a todos;

4- Exu que não acaba em si e fala em seus falangeiros. Tranca-ruas, Veludos, Tiriri, Lodo, Malandros, Padilhas e Navalhas. A noite é deles e o primeiro gole é sempre de Exu;

5- Exu que se mistura nas festas da gente, nas músicas e favelas. Não é santo muito menos demônio, é Exu;

6- Exu da expansão que está em tudo. Ecoa nas vozes contemporâneas que gritam “*Exu nas escolas*”;

7- Exu *não-diabo* olhando para aqueles que ninguém olha. Exu que não tem medo de adentrar nas ruínas e margens. Exu que ecoa em *Stelas e Estamiras*.

Os sete setores, que também representam sete caminhos e sete momentos, não devem ser compreendidos de maneira isolada, eles se conectam entre si trazendo a circularidade inerente a Exu. A partir desses sete mistérios a Grande Rio define seu ponto de partida propondo que o desfile possa contribuir para os inúmeros debates acerca da intolerância religiosa e do racismo religioso e desmistificar a fama negativa que muitos ainda insistem em atribuir à inexplicável divindade. Isso é confirmado na justificativa do enredo que nos

<sup>2</sup> A sinopse do enredo completo apresentado pelo Acadêmicos da Grande Rio está disponível no apêndice

apresenta a intenção de enaltecer a “visão exusíaca de mundo”:

Buscamos exaltar a “visão exusíaca de mundo”, expressão cunhada por Luiz Antonio Simas, passeando por lugares em que ele vive e faz estripulias, homenageando artistas e pensadores que bebem dessa mesma cachaça. Exu é para ser sentido e vivido na pele. São muitas as cosmogonias africanas entrelaçadas, são muitas as possibilidades narrativas! Exu não é, afinal de contas, a “boca que tudo come”? Entendemos que Exu é uma espiral de ideias, um complexo de saberes, culturas e visões de mundo, amálgama que é produto de um longo processo histórico de construções próprias e particulares: primeiro, a partir das distintas experiências das sociedades africanas e dos seus fluxos culturais internos; depois, a partir do trânsito transatlântico de africanos escravizados rumo às Américas, sendo as reelaborações culturais uma estratégia de sobrevivência; e, por último, a partir de fluxos e trocas culturais ocorridos no Brasil, onde Exu adquire incontáveis corpos e nomes – diversidade que desafia qualquer pretensão de razão unificada. Falar de Exu, hoje, é um ato poético e político, em busca de um senso ético, estético e cidadão ancorado na pluralidade de ideias, nas cruzas culturais, nas vozes do Povo da Rua (HADDAD; BORA 2022, p.279).

Indo contra a crescente maré intolerante que insiste em considerar Exu um demônio, a Grande Rio mostra que ele jamais caberia em uma definição simplória como essa. A partir dos sete mistérios a escola mostra todos na avenida que Exu além de ser complexo é um jeito de viver, ver o mundo e resistir. Em seu desfile, a Acadêmicos da Grande Rio transforma a avenida em um grande terreiro nos fazendo *viver* Exu e coroando a divindade com maestria.

### 3.3 Orixá de frente

O setor/chave 1 do desfile nos apresenta dois momentos complementares: o primeiro a presença e papel de Exu nos mitos da criação, representados pela comissão de frente e casal de mestre sala e porta-bandeira, e o segundo a potência de Exu nas encruzilhadas junto a um cortejo de divindades africanas em direção ao Brasil, representada pela Ala 1 e Carro Abre-Alas. Ao delinear este percurso a escola demonstra a energia de Exu no continente africano e sua travessia para o Atlântico durante os fluxos da diáspora; “trata-se de uma poderosa invocação e saudação: que a energia circule, tremule, arpeje os corpos-terreiros” (HADDAD; BORA 2022, p.281). É possível observar esta organização no esquema (Figura 2) abaixo:



**Figura 2: Organização do Setor 1 do desfile da Acadêmicos da Grande Rio 2022/ Fonte: HADDAD; BORA, 2022, p. 284)**

A comissão de frente intitulada “Câmbio Exu” traz o Exu africano representado pelo ator Emerson Dalvaro e os Exus urbanos (Figura 3), que podem ser considerados seus falangeiros. “Câmbio Exu” é referência a uma fala de Estamira, catadora do lixão Jardim Gramacho. Sua rotina foi retratada no documentário homônimo, produzido por Marcos Prado e José Padilha, e nele é presenciada sua comunicação com Exu a partir de um telefone usado. Ao se comunicar com o Orixá, Estamira dizia majoritariamente “*câmbio Exu*” e “*fala majeté*”. Para além da menção na nomeação da comissão de frente, uma representação do lixão (Figura 4) é utilizada como palco para atuação do Exu Orixá e Exus urbanos.



**Figura 3: Exu Orixá e Exus Urbanos/  
Fonte: Gabriel Monteiro/Riotur/Divulgação<sup>3</sup>**



**Figura 4: Representação do lixão de Gramacho/  
Fonte: Fábio Motta/Prefeitura do Rio<sup>4</sup>**

Com essa comissão de frente, a Grande Rio se certifica de que Exu será o primeiro a pisar na avenida respeitando o princípio de que Exu deve ser o primeiro dos Orixás a ser reverenciado, de modo a aplacar seu comportamento travesso e ardiloso. Ademais, representa o papel de Exu no princípio da criação do mundo terreno, como descrevem diversos *itãs* (mitos dos Orixás). Um deles menciona a gratidão de Olofim ao outro Orixá por ser aquele que informou o *ebó* (sacrifício; trabalho espiritual) necessário para a criação da vida:

Muito me ajudaste  
e eu bendigo teus atos por toda a eternidade.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/desfile-campeas-destaques-escolas/>>

<sup>4</sup> Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/brasil/grande-rio-e-a-escola-campea-do-carnaval-do-rio-de-janeiro-2022>>

Sempre serás reconhecido como Exu,  
serás louvado sempre  
antes do começo de qualquer empreitada (PRANDI, 2001, p. 44).

Ao respeitar este princípio, presente em diversos *itãs*, o desfile não só representa o papel de Exu na criação do mundo, mas também do próprio desfile. É como se todo o desfile fosse conjurado a partir de sua presença, recontando mitos e recriando a existência do mundo terreno na avenida.

A movimentação, de Emerson Dalvaro retrata, por meio de gingados, movimentos em plano baixo, gargalhadas e braços arqueados, a faceta malandra de Exu (Figuras 5 e 6) que ginga ao redor da vida. Sua gargalhada não é apenas um indicativo de humor, mas representa dissipação de energias e movimento, sendo um elemento utilizado em trabalhos espirituais.



**Figura 5: Gargalhada e mãos de Exu/ Fonte: Globoplay<sup>5</sup>**



**Figura 6: Movimentação em plano baixo/ Fonte: Allan Duffes e Nelson Malfacini/SiteCarnavalesco**

Após seus movimentos no solo, o ator se direciona ao carro, em que está presente a representação do lixão de Gramacho, e abraça o mundo. Escala através do globo, fazendo uma jornada entre continentes, e ao chegar no topo se depara com os *padês* (oferendas) dispostos (Figuras 6 e 7):

<sup>5</sup> Todas as imagens que foram retiradas do Globoplay estão disponíveis em <<https://globoplay.globo.com/v/10513403/>>



**Figura 6: Exu escala o mundo/Fonte: Allan Duffes e Nelson Malfacini/Site Carnavalesco**



**Figura 7: Exu no topo do mundo/ Fonte: Globoplay**

Ao se alimentar das oferendas de modo afobado e ganancioso (Figuras 8 e 9) nos é apresentada outra face de Exu: *Exu Enugbarijo* (Senhor da Boca coletiva). Os movimentos utilizados pelo ator são ágeis e expansivos, representando não só a aceitação das oferendas, mas também a ânsia em se alimentar e a fome que leva à ganância de ter todos os padês para si. Sem abandonar sua faceta malandra, Exu causa certa confusão ao se alimentar, não só ingerindo o alimento, mas espalhando-o e compartilhando-o com o público. Quando o alimento é compartilhado com o público, os espectadores passam também a fazer parte da representação de um trabalho espiritual que ocorre na avenida, quebrando as barreiras entre os que performam e aqueles que assistem. Com esse movimento Exu se faz presente tanto na arquibancada quanto na avenida mostrando, mais uma vez, sua multiplicidade.



**Figura 8: Exu se alimenta dos padês/ Fonte: Globoplay**



**Figura 9: Exu aceita os padês/Fonte: Globoplay**

Sua fome insaciável, assim como seu papel na criação do mundo, também é descrita em diversos *itãs*. Um deles, intitulado *Exu come tudo e ganha o privilégio de comer primeiro*, nos conta que:

Exu era o filho caçula de Iemanjá e Orunmilá  
irmão de Ogum, Xangô e Oxossi.  
Exu comia de tudo e sua fome era incontrollável.  
(...) Quanto mais comia mais fome Exu sentia  
Furioso Orunmilá compreendeu que Exu não pararia  
e acabaria por comer até mesmo o Céu.  
Orunmilá pediu a Ogum  
que detivesse o irmão a todo custo.  
Para preservar a Terra e os seres humanos e os próprios  
orixás  
Ogum teve que matar o próprio irmão  
A morte, no entanto, não aplacou a fome de Exu  
(...) Era preciso aplacar a fome de Exu  
Exu queria comer.  
Orunmilá ordenou:  
“Doravante, para que Exu não provoque mais catástrofes,  
sempre que fizerem oferenda aos Orixás  
deverão em primeiro lugar servir comida a ele”  
Para haver paz e tranquilidade entre os homens,  
é preciso dar de comer a Exu, em primeiro lugar  
(PRANDI, 2001, pp.45-46).

O *itã* nos faz compreender não só a importância da representação das oferendas na comissão de frente, mas também os sentimentos de ansia e ganância disponibilizados por intermédio da atuação. Ao se alimentar no topo do mundo, Exu assegura seu papel na criação e também marca sua exigência de ser o primeiro a ser reverenciado; para que o mundo exista sua fome deve ser remediada.

Outro elemento importante a ser analisado está em forma de adorno no próprio Exu. Uma chave está presente na parte da frente de sua cabeça (Figura 10), pendendo até o início da testa. Considerando que cada ala do desfile se propõe a retratar uma das chaves/mistérios de Exu, podemos encontrar a primeira chave de forma física na própria comissão de frente, tendo, assim, o mistério que nos introduz aos outros. Essa primeira chave é mais uma referência a primordialidade e possibilidades de caminhos que esse Orixá representa. Ao materializar essa chave no próprio Exu a comissão de frente nos diz: conheça Exu e seja iniciado a outros mistérios.





**Figura 10: A primeira chave de Exu/ Fonte: Allan Duffes e Nelson Malfacini/Site Carnavalesco**

Olhar para a performance do ator Emerson Dalvaro durante o desfile é como ver Exu em Terra. Ele *anda-Exu*, *gargalha-Exu*, *come-Exu* e arrebatava o mundo em suas mãos como o próprio Orixá. Por meio de sua interpretação, somos introduzidos ao *Exu alegórico* que reproduz e expressa traços arquetípicos do Exu Orixá, todavia com maneira e propósito artísticos. Emerson se faz Exu na avenida, parafraseando de modo sublime e sagrado o imaginário de Exu, mas não representa uma incorporação, como ocorre nas religiões de matriz africana. Logo, o que é presenciado no desfile, apesar de sagrado, se difere do que é experienciado no âmbito religioso, em terreiros de Umbanda e Candomblé. O *Exu alegórico* nos permite contemplar de modo artístico o sagrado presente na multiplicidade do Orixá.

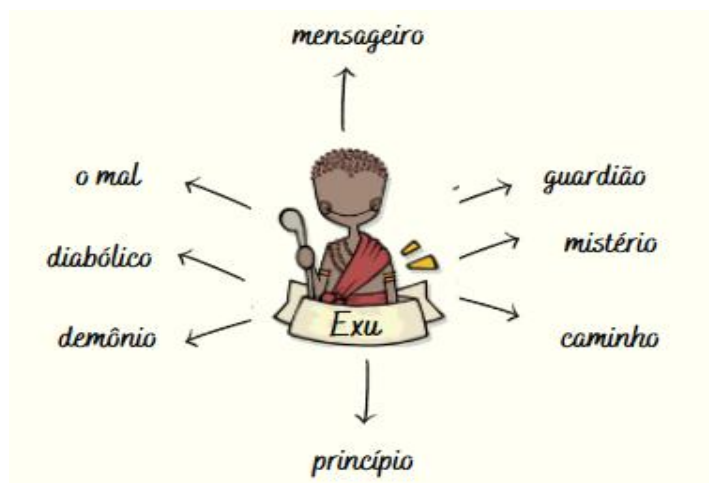
### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: EXU DÁ O QUE FALAR**

Ao longo do trabalho foi possível entrar em contato com as múltiplas faces de Exu. A partir dos processos de identificação de Exu (seção 3) verificamos os mistérios e historicidade presentes no Orixá em âmbito religioso. A partir do Desfile de 2022 da Acadêmicos da Grande Rio foi apresentado o Exu alegórico, sendo a representação do sagrado no meio carnavalesco e cultural. Temos assim duas esferas: *Sagrado Religioso e Sagrado Alegórico*.

Seja no âmbito alegórico ou religioso, Exu *dá o que falar*. Ele é sempre o epicentro de polêmicas e está envolto em muitos mistérios, o que gera em alguns casos admiração e respeito e em outros repulsa ou sentimentos raivosos. Talvez grande parte das polêmicas que cercam este Orixá sejam devido a seu caráter multifacetado que não permite uma definição

única, ou talvez estejamos, ainda, muito colonizados pelo olhar catequizador cristão que insiste em colocar tudo sob um régua moral que divide o mundo entre o divino e o demoníaco.

Ao longo dos processos de identificação de Exu abordados neste trabalho, é possível elaborar o seguinte esquema:



**Figura 11: Processos de identificação de Exu/ Fonte: Elaborado pela autora**

Exu é, então, a depender do interlocutor, *mensageiro*, *mal*, *diabólico*, *demônio*, *guardião*, *mistério*, *caminho* ou *princípio*. Logo, Exu é um termo polissêmico, podendo assumir múltiplos sentidos. Se considerado o jogo de deslizamento de sentidos que permeia os processos metafóricos, é a partir dele que conseguimos interpretar Exu.

A transferência, principalmente, dos termos pejorativos associados a Exu nos remete a historicidade do discurso de uma sociedade constituída a partir de pilares racistas e etnocêntricos que considera tudo o que é proveniente de territórios do continente africano como algo bárbaro ou sujo. Há então uma prática racista que se transfere para a nomeação e referência de divindades afro-brasileiras. É neste processo que Exu será identificado como *mal*, *diabólico* e *demônio*.

Ao se tornar presente, o Exu alegórico contribui para os insurgentes debates de intolerância e racismo religioso numa resistência *não-silenciosa*, nos conectando com o sagrado que preenche sua essência.

As faces de Exu, bem como os mistérios de todos os Orixás é um campo fértil de muitas discussões no âmbito acadêmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, L.P. O diabo na língua: discursos de possessão em religiões brasileiras, 2019. 284 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BRASIL, L.L. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. LING. Est. e Pesq., Catalão-GO, vol. 15, n. 1, p. 171-182 jan./jun. 2011
- HADDAD; BORA, 2022. In: Abre-alas sábado carnaval de 2022. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/downloads/memoria/outros-carnavais/2022/abre-alas-sabado-carnaval-2022.pdf>> . Acesso em 20 de Outubro de 2022.
- ORLANDI, E. Análise de Discurso - princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX. M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP:1975
- PRANDI, R. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. Revista USP, 2001, v.50, p.46-63.
- \_\_\_\_\_. As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. BIB-ANPOCS, São Paulo, nº 63, 1º semestre de 2007, págs. 7-30. ISSN 151-8085.
- \_\_\_\_\_. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ROSA, R.P.S. Carnaval, leituras e sentidos: a representação do brasil nos desfiles das escolas de samba em 2016 e 2019. In: Discurso, cultura e mídia: pesquisas em rede (V.4). Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.
- SILVA, W.G. Exu: O guardião da casa do futuro. I ed. -Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- SOUZA, T. C. C. de. Perspectivas da análise do (in)visível: a arquitetura discursiva do não verbal. Revista Rua, 2018, v. 24 , n.1, p. 17-35.
- \_\_\_\_\_. Discurso e Imagem, perspectivas da análise do não-verbal. Revista Ciberlegenda, 1998, v. 1.
- VALENTE, W. Sincretismo religioso afro-brasileiro. I es- Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1955.
- VERGER, Pierre. Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. 5a ed. Salvador, Corrupio, 1997.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura, do original de 1957. São Paulo, Edusp, 1999.

## APÊNDICE

**Histórico do enredo “Fala Majeté! Sete chaves de Exu” (BORA; HADDAD, 2022, p. 271-273)**

*Quem sou eu... Quem sou eu?*

1

-Câmbio, Exu! Fala, Majeté!

Exu, princípio de tudo: gira, faísca, espiral, movimento, corpo-redemoinho, Okotô!, desterro, fervura, espanto, espuma, axé da Terceira Cabaça, Igbá Ketá. Que abre, então, os caminhos: L’Onan, Legba, Eleguá, Bará, Elegbara, Mavambo - pé na porta, pedrada, com sete chaves nas mãos, o nó das encruzilhadas, tranca, carranca, Calunga Grande, porteiras, ponteiras, diásporas, às travessias na barca, correntes os olhos e as águas. Salve Aluvaiá, Salve Bombogira! “O que se há de?” – mar de dendê! O que será?

2

Exu que se fez caboclo, poeira, na cruz, em brasa, chão de terreiro, fora da casa - o mundo inteiro nos pés de andarilhos peregrinantes. Os chifres, os dentes, os búzios, as garras: batalhas! Ali, tanto sacrifício: argila vermelha na praia. Rasgos, penhascos, altares, o orí, a voz de Palmares: os gritos, os mitos, os guizos, a cabeça de Zumbi, “mortal eterno”, “ente coletivo” ao sol do mais verde encanto (porque Zumbi-Exu está em tudo quanto é canto). Agbá! – esprou-se o culto, firmeza e toque. Sigamos!

3

Exu de proezas tantas, pelejas, orikis, Ifá, adivinhação, histórias fragmentadas nas entrelinhas de odús - o destino do rei de Oió e o trono do Engenho Velho. Odusô, o guardião. Erro que vira acerto, certo que brota errado, do outro lado, enigma, tempero, vuco-vuco, o remédio e o veneno. Tendas, feiras, farofas, recados, as lendas da criação debulhadas nos mercados, o corpo que voa fechado e a visão de cada um: ninguém pode viver sem mim. Preceitos, pressentimentos, trotes, fabulações. Trocas, trocadilhos, línguas desgovernadas. Ciscos, lâminas, lágrimas – Olobé, Elebó, cachimbos, caixotes, cachaça. Truques de linguagem: traquinagens. Osijê, Obá Babá! Oferendas d’Eleru. Pimentas!

4

“Salve o Sol, salve a estrela, salve a Lua!” Saravá, Seu Tranca Rua! Exu que são muitos em um: corpo em si desdobrável. Fala, falo e falácia: falanges. Alafia! Centenas de sobrenomes que vem de muitos lugares – Rio que leva as gentes, ruas que tudo dragam. Exu, malandro Pelintra, Padilha, fio de Navalha, ponta de agulha, os cacos da noite, as sombras da Lapa, Marias, ciganos, cigarras, jogo e cartas na mesa, rendas, vidrilhos, rasteiras, meio-fio das quebradas, rabos de galo e de saia, também os rabos de arraia, o cheiro bom da cerveja, destreza, sem falar nas gargalhadas. O primeiro gole é dele! Exu, Veludo encarnado, luz de abajur, sonhos bordados – sentimentalmente, visivelmente. “Exu Caveira, Capa Preta, Sete Catacumbas estavam por ali; Fui convidado pra uma festa nobre; na casa de Exu Tiriri...”

5

Exu, potência e gingado, ponto riscado na carne, palco das festas da gente. Brinca o carnaval em transe, desafia, des(con)fia, desconcerta, bate a bola no asfalto, pisa no sapatinho, samba despuadorado, dança inflado de vida, palhaço, e trança a crina do cavalo. Deus de chinelo rasgado, boca beijada, copo na mão, Seu Sete da Lira, bloco lotado, a máscara, Odara!, o baque, o buraco, o cru, o afoxé, o maracatu, o surdo de terceira, a fuzarca dos velhos cordões, o som que vem das favelas, capaz de transver o mundo. Exu, pedra que pulsa, valsa convulsa, mangue que benze, curva, couro, esquina, jorro, ouro e lata no Bal Masqué: não é um robô sanguíneo, não! É santo – mas nem tanto.

## 6

Exu de tinta e de sangue: é dose, tudo come, tudo sabe, tudo viu. De curto pavio! Lamento de poetinhas – porque tudo é perigoso, divino-maravilhoso. Desnuda as frases no muro, sagrado e profano, mundano, pós-contemporâneo, língua ferina, flauta e cajado, casa de bamba, Basquiat no batuque, as letras amadas, a macumba dos modernistas, o piá-Macunaíma, os perfumes rosianos, na saga do Ser-Tão, “Exu nas escolas”, voz estelar, quebrando tabus e “costumes frágeis” - vocês não aprendem na escola. Vocês copiam! Criemos! Novas pedagogias, para os tempos que virão. Verão! Antropofagias, Enugbarijó. “Através das travessuras de Exu / Apesar da travessia ruim...”

## 7

Exu que não é o diabo do teatro colonial, projeto de corpos mortos (culpas, medos, grilhões, carcaças, escravos disfarçados de libertos) - mas força que une os opostos, jongo de ser e não ser. Exu, to be e Tupi! Fome, cada vez mais fome! Insone. Os nervos são fios elétricos. Evoca os profetas do caos, as vozes do lixo, a desconstrução, o avesso do manto, um sem quanto, a costura dos trapos, as aparições, remendos-retalhos, o eterno retorno, a fortuna, os farrapos, o espanto e a possível, por que não?, recriação: Olímpia, Stela, Jardelina, Arthur Bispo do Rosário, Estamira no lixão de Gramacho, às margens da alegria, cantarolando aos vapores, saudando os cometas e o fogo, ao som milenar das estrelas, Yangi, pedras de laterita, bailando, da pá virada, Molambo, Mulamba, ruínas:

*“Todo lugar tem uma rainha, lá no lixo também tem...”*

Exu, a sacerdotisa:

-Câmbio, Exu! Fala, Majeté, fala! Os além dos além é um transbordo. Tem o eterno, tem o infinito, tem o além dos além. O além dos além vocês ainda não viram. Se eu sou à beira do mundo! Entendeu agora? Quer me desafiar? Você quer saber? Cada pessoa é um astro! Câmbio, Exu! Fala, Majeté, fala! Falemos! Dancemos! Bebamos! Vivamos! Destranquemos os olhos! Sigamos por outros caminhos! Cantemos até o fim – que não deixa de ser um começo. Ouçamos os atabaques - atentos, plenos, fortes! Exu, a ancestralidade. Exu, desenredo proposto. Exu, a aposta mais alta. Exu, o padê arriado. Exu, passada ligeira: Exu, Laroiê, Mojubá!  
-Câmbio, Exu!

Fala, Grande Rio!

Transbordado com expressões e falas retiradas do documentário “Estamira”, de Marcos Prado, além de fragmentos de poemas, canções e pontos de macumba. Inspirado nas provocações de Conceição Evaristo, Helena Theodoro, Alberto Mussa, Luiz Antonio Simas (“Exu é uma escola de samba!”) e Luiz Rufino; e nas narrativas orais de Luiza Maria e Dib Haddad. Dedicado aos inúmeros torcedores apaixonados que nos ajudaram a tecer este manifesto, fonte de afeto, convite para o diálogo. Axé!